

Amanda Brooke

A ESCOLHA DO CORAÇÃO

Tradução
Margarida Malcato

*Quinta Essência**

Prólogo

Um dos ponteiros do relógio passou pelo outro, marcando aquele breve e imparável momento em que um dia acaba e outro começa. Holly estava deitada na cama a acariciar o inchaço na barriga e a tranquilizar o seu bebé, ainda por nascer, do medo gelado que lhe assolou o corpo, tão imparável como os ponteiros do relógio.

Holly fez um grande esforço para se virar de lado. Teve de manobrar a saliência com cuidado enquanto reprimia os seus inúmeros resmungos e gemidos com receio de acordar Tom, que se encontrava de costas para ela, a ressonar suavemente. Ela inspirou profundamente, saboreando o seu cheiro quente e doce.

– Amo-te – sussurrou. O som da sua voz foi muito pouco audível e ela começava a tornar-se uma perita em não fazer barulho. Passara muitas noites deitada ao lado dele a combater o impulso de quebrar o silêncio e dizer-lhe que o dia em que o deixaria estava cada vez mais próximo.

– É hoje – disse-lhe. – Vais ser pai, um pai maravilhoso. Porém, não vai ser fácil. Vais pensar que não serás capaz de aguentar, mas conseguirás. Vais zangar-te comigo por vos deixar aos dois, mas acabarás por compreender. Um dia, olharás para a tua filha e perceberás o que eu já percebi. Que o sacrifício valeu a pena.

Tom mexeu-se e Holly susteve a respiração. Não queria acordá-lo, ainda não. Tinha de dar voz ao seu pedido de desculpas. Só não queria que ele o ouvisse. Era uma das últimas coisas na sua «lista de afazeres». Isso e dar à luz, claro.

Holly passara os últimos meses a preparar-se para a chegada da filha e, tão importante como isso, a preparar-se para a sua partida da vida deles. Tom amava Holly pela sua obsessão com os planos, que quase raiava o neurótico, contudo, até ele ficaria chocado por ver como ela se preparara bem para aquele dia. De que outro modo poderia ela morrer em paz?

– Amo-te – repetiu Holly. Uma lágrima isolada escorreu-lhe pela face e ela sentiu o fardo do conhecimento a pressioná-la mais para baixo do que o peso do bebé que carregava. – Lamento tanto não te ter dito, não te ter podido dizer. Por mais que isto seja horrível para mim, teria sido insuportável para ti. Tive de tomar algumas decisões difíceis e aprendi, da pior maneira, que as melhores decisões nunca são as mais óbvias. E também aprendi outra coisa. Que o amor perdura, por vezes, na mais extraordinária das formas. Prometo-te que estarei a teu lado nos momentos mais dolorosos.

Escapou-lhe um soluço, desta vez suficientemente alto para despertar Tom. Ele virou-se para ela, sonolento.

– Estás bem? – murmurou, começando a acordar. – Já está na hora?

– Se já está na hora? Ainda não – descansou-o Holly, forçando um sorriso. O tempo era seu inimigo desde que se mudara com o marido para a casa de campo, uma casa a que agora chamavam lar. Isso acontecera apenas dezoito meses antes e os seus pensamentos regressaram àquele instante crucial em que o tempo começara a escapar-lhe por entre os dedos.

1

Holly fechou a porta da rua e encostou-se pesadamente contra ela, exalando um profundo suspiro de alívio. Os homens das mudanças tinham sido uns milagreiros, transformando a concha vazia à qual tinham chegado de manhã em algo que Holly podia agora chamar lar. A casa fora outrora uma imponente casa do guarda, situada à entrada do majestoso Hardmonton Hall, atualmente uma ruína destruída por um incêndio, e a casa do guarda tinha sido praticamente esquecida, localizada logo à saída da pequena aldeia de Fincross. Apesar das suas paredes de pedra cinzenta e tinta lascada, Holly perdera-se de amores por ela. A casa resistira ao teste do tempo muito melhor do que o próprio Hall e parecia o lugar ideal para construir um lar e assentar, quiçá, para sempre.

Ainda encostada à porta, Holly olhou furtivamente para o seu reflexo no espelho de corpo inteiro que fora deixado encostado à parede, à espera de ser pendurado. A casa, ou melhor, o seu lar, podia ter melhorado de aspeto durante o dia, contudo, ela estava sem dúvida uma lástima. O cabelo louro comprido era geralmente o ponto forte que compensava as suas restantes características mais comuns, porém, naquele momento encontrava-se puxado para trás num rabo-de-cavalo mal feito. A pouca maquilhagem que colocara no início do dia não era mais do que uma recordação, tendo-se retirado

para as pequenas rugas dos cantos dos seus olhos azuis e ameadados.

Esperava parecer mais cansada que velha. Afinal de contas, só tinha vinte e nove anos e a sua vida estava apenas a começar. Casada há apenas dois anos, aquela era a primeira casa que ela e Tom realmente possuíam e a primeira oportunidade que tinham para criar raízes sólidas.

Ignorando o seu reflexo, Holly observou o seu novo ambiente. O corredor percorria o centro da casa, a porta da esquerda dava para uma pequena sala que seria o escritório de Tom. A porta da direita dava para uma sala maior que seria a sala de estar e a porta entreaberta deixava entrever as peças de mobiliário familiares a ocuparem os novos espaços. A mobília urbana contrastava com o antigo padrão do papel de parede e a madeira do chão, contudo, Holly tinha gostos excêntricos e gostava de um contraste de estilos.

– Já verifiquei a lista e acho que está completa – disse Tom, aparecendo na porta do fundo do corredor que dava para a cozinha.

Tom parecia ainda mais desalinhado que Holly nas calças de ganga puída e na *T-shirt*. Aquele visual não favorecia a sua estatura alta e forte nem o corpo tonificado que Holly sabia existir por baixo. A diferença entre eles era que o visual desalinhado era normal no caso de Tom. Ele interessava-se demasiado pelo mundo que o rodeava para prestar atenção a si próprio. Talvez fosse por isso que era tão bom jornalista. Agradável e simpático, nunca convencido, nunca intimidante, e as pessoas abriam-se facilmente com ele.

Holly resistira ao impulso de tentar arranjá-lo melhor até porque fora o contraste com o seu próprio estilo que a atraía. Holly era uma artista e, quando não se encontrava mergulhada em gesso e em tinta, gostava de se vestir bem, misturando cuidadosamente roupa *vintage* e contemporânea, um estilo que também se refletia no seu trabalho. A outra razão pela qual

Holly aceitara o estilo desleixado de Tom fora puramente egoísta. Ele passava muito tempo a trabalhar fora e ela não queria que ele impressionasse demasiado as mulheres.

– Qual lista? – perguntou ela, desconfiada. – Ainda há imenso trabalho a fazer. Vamos levar semanas a arrumar tudo e isso será antes de sequer pensarmos na decoração.

– Não é a lista de mudanças – corrigiu-a Tom. – A LISTA.

Ele avançava calmamente para ela com a mão esquerda erguida à sua frente, inspecionando uma folha de papel imaginária na palma virada para cima. Parou meio metro diante dela.

– Sabes que estás a olhar para uma mão vazia, não sabes? Tom ignorou-a.

– Encontrar namorado. Feito! Encontrar galeria para exibir trabalho. Feito! Ganhar o suficiente para deixar o emprego. Feito!

De cada vez que dizia «Feito!», Tom usava o dedo indicador da outra mão como uma caneta imaginária para marcar todos os feitos conseguidos.

– E, finalmente? – perguntou Holly, já ciente da resposta. Tom aproximou-se.

– Mudar para o campo e viver feliz para sempre.

– Feito – sussurrou Holly antes de Tom a beijar.

Ao fim de bastante tempo, Tom respirou fundo.

– E penso, Mistress Corrigan, que completou a lista seis meses antes do programado.

– Acho que tem razão, Mister Corrigan – respondeu Holly, satisfeita.

Talvez satisfeita não fosse a palavra correta. Eternamente grata era melhor. Holly trabalhara muito no seu plano de vida para cinco anos, contudo, o facto de ter tido êxito em encontrar o marido perfeito e uma carreira em ascensão fora mais um golpe de sorte do que logística. Aliás, ela devia tudo a um contabilista bêbado.

Quando Holly tinha vinte e cinco anos, tinha inúmeros trabalhos em *part-time* só para ganhar o suficiente para viver. Deixara a escola de arte com vários elogios, mas sem ideia nenhuma sobre como viver do seu talento. Conseguiu acabar a faculdade e, quando saiu, os inúmeros trabalhos em *part-time* que acumulara só lhe consumiam mais o dia e a sua arte tornou-se um luxo que ela não podia pagar, quanto mais encontrar tempo ou energia para lhe dedicar.

A sua epifania chegou uma noite na forma de um trabalhador citadino de meia-idade que entrou bêbado no bar onde ela trabalhava. O seu herói, depois de várias tentativas, sentou-se ao balcão e fê-la logo refém de um grande monólogo sobre a sua maravilhosa vida e recente promoção numa empresa de contabilidade de topo. Só quando o bêbado lhe disse que a sua promoção fazia parte do seu plano para cinco anos é que Holly, a neurótica fazedora de listas, lhe começou a prestar atenção. Percebeu de súbito o quão vaga era a sua vida e que, se aquele bêbado que não servia para nada era capaz de ser bem sucedido, porque não seria ela? Nessa noite foi para casa e não conseguiu dormir enquanto não escreveu num papel os objetivos que desejava atingir nos cinco anos seguintes.

No espaço de um ano, Holly tinha um novo rumo. Trocara a coleção de trabalhos em *part-time* por um emprego a tempo inteiro num estúdio de televisão, trabalhando nos bastidores em produção e dando finalmente bom uso ao seu talento. Também significara que tinha tempo livre suficiente para desenvolver o seu trabalho artístico e receber encomendas ocasionais através de contactos com uma galeria de arte local.

O seguinte passo na sua lista era a vida amorosa. Não era para acontecer antes do terceiro ano, mas Tom aparecera antes do previsto. Ele fora ao estúdio de TV para uma entrevista de trabalho e saíra de lá horas mais tarde, não só com um emprego novo, mas também com uma namorada nova.

Holly vira-o a vaguear na secção dos adereços, obviamente perdido. Saiu da entrevista bastante entusiasmado, tendo ficado com o lugar de correspondente especial para a área do ambiente, mas o que começara por ser uma expedição bisbilhoteira ao estúdio depressa se transformou numa viagem eterna através de um labirinto.

Tom Corrigan não era exatamente o que Holly tinha em mente para marido. À primeira vista, não podiam ser mais diferentes. Havia o óbvio contraste da aparência. A pele clara dela tornava-se ainda mais pronunciada em comparação com a beleza alta e morena de Tom. Também havia outras diferenças fundamentais. Ela era organizada, ele não. Ela preparava-se para o fracasso e esperava-o, Tom via todos os obstáculos como oportunidades.

Ela admitia quando precisava de ajuda, Tom, o homem a quem fora dada a oportunidade de viajar pelo país, não estava pronto para admitir que nem sequer era capaz de encontrar a saída do estúdio. Depois de se ter cruzado com Holly naquela ida ao estúdio, ele não admitiu que estava perdido e ofereceu-se para ficar lá e ajudá-la até ela sair do trabalho, altura em que a acompanharia à saída das instalações e a levaria a jantar.

– Consigo ver as tuas engrenagens em movimento – avisou Tom, despertando-a do sonho acordado. – Já estás a começar o plano para os próximos cinco anos?

– Sinto-me muito feliz com as minhas listas atuais, obrigada – respondeu Holly. – Desempacotar as coisas, redecorar o meu novo estúdio, já para não falar na nova encomenda para Mistress Bronson.

– Muito feliz? – perguntou Tom, com surpresa fingida.

Holly sorriu.

– Muito feliz. Possivelmente muito, muito feliz.

– Possivelmente? – disse ele, franzindo uma sobrancelha travessa.

– Deixa-te disso – ralhou Holly. – Vamos ficar aqui no corredor o dia inteiro a discutir a escala da minha felicidade ou vamos fazer uso dos outros quartos?

– Boa ideia. E que tal eu ir buscar o champanhe e ir ter contigo ao quarto daqui a, exatamente, dois minutos?

– Parece-me um bom plano – respondeu Holly, contudo, Tom já fora para a cozinha.

Na manhã seguinte, Tom e Holly estavam tão relutantes em sair da cama como tinham estado ansiosos por se deitarem nela na noite anterior. Tom tirara férias durante duas semanas pelo que não havia qualquer despertador a exigir a sua atenção, nem uma rotina fixa a cumprir, nada para fazer a não ser acabar de desempacotar as coisas e explorar os novos espaços. Só tinham de se levantar primeiro.

A cama estava virada para a grande janela que dava para um jardim selvagem, seguido também de um pomar selvagem e, atrás deste, pela paisagem inglesa selvagem. Estava uma manhã clara de primavera e o sol fazia o seu melhor para despertar os novos inquilinos da casa do guarda do seu sono profundo. A insistente luz solar projetava padrões através dos cortinados de linho branco, deslizava pelas paredes pintadas de azul-claro, evitando o chão de madeira polido e movendo-se suave e silenciosamente ao longo do rosto de Holly, levando-a a despertar.

Os seus primeiros pensamentos agruparam-se rapidamente numa lista de todas as coisas que tinha para fazer, ações urgentes que precisavam da sua atenção. Holly silenciou-os, virando mentalmente as páginas da sua nova lista. Podiam esperar. Queria saborear pelo menos um dia com o marido na sua nova casa sem ter de satisfazer as necessidades de mais ninguém a não ser as deles próprios. O tempo em casa com Tom seria uma prioridade nos meses seguintes.

Assim que assinaram a escritura da casa de campo, uma casa que escolheram especificamente por se encontrar a uma certa distância de Londres, Tom recebeu a oferta para um novo trabalho. Era uma oferta que não podia recusar, principalmente porque o estúdio estava a passar por uma dolorosa reorganização e ele era um dos sortudos. Pelo menos, ficaria com o emprego, embora agora esperassem que ele fizesse mais trabalho em frente às câmaras, a cobrir assuntos políticos e problemas ambientais, tal como mais trabalho de campo. A cláusula do trabalho de campo no seu contrato chegou mais cedo do que o esperado e a sua primeira missão seria uma deslocação de seis semanas à Bélgica, tornando a viagem um pouco mais longa do que ambos tinham previsto.

– Estás acordada? – perguntou Tom.

– Hum, hum – respondeu Holly, virando-se para ele de modo a ficarem cara a cara.

– Ui, hálito matinal! – brincou Tom.

– Podes mesmo falar, cheiras a homem.

– Obrigado.

– Ainda não tinha acabado – corrigiu-o Holly. – Cheiras a um homem que passou a noite a lamber a carpete de um daqueles *pubs* velhíssimos onde os sapatos se colam ao chão. Aliás, posso ver que ainda tens metade da carpete colada à língua.

– Então, não queres um beijo?

– Tens a certeza de que consegues aguentar o meu hálito matinal? – desafiou Holly. Expirou cada palavra propositadamente.

– Estou disposto a correr o risco se não te importares com uma boca cheia de carpete de um velho *pub*.

Tom deitou a língua de fora e lambeu a ponta do nariz de Holly.

– Já tive coisas piores na boca.

– Ora aí está um desafio – gemeu Tom.

– Não só tens uma boca que cheira a esgoto como tens uma mente que já lá está.

Tom aproximou o corpo de Holly, deslizando a mão pela barriga dela e metendo as suas pernas entre as dela. Era uma manobra muito bem ensaiada e familiar que o colocou em cima dela e a deixou ofegante.

– Posso usar uma linguagem mais suja, se quiseres – ofereceu Tom.

Holly colocou os braços à volta do pescoço dele antes de deixar que os dedos lhe percorressem a coluna. Escondida por baixo da sombra do corpo de Tom, Holly só conseguia presentir a luz da manhã quando esta brincava nas costas dele.

– Quão suja?

– Bem... – disse Tom. Expeliu a palavra com um sopro provocador, depois sorriu, ou foi um esgar? – Não me estou a referir a nenhum plano de cinco anos.

– Espero bem que não – respondeu Holly. Olhava com atenção para as curvas da boca dele, para a humidade dos seus lábios, para o relance da sua língua. Empurrou o corpo contra o dele, encorajando-o.

– Oh, não – disse Tom, ignorando o desejo descarado dela. – Nem sequer a um plano de sete anos. – Beijou-lhe o nariz. – Nem de dez, sequer.

Holly prendeu os dedos nas ondas luxuriosas do cabelo dele. Elevou-se para beijá-lo, mas ele afastou a cara. Ainda não acabara de provocá-la.

– Posso estar a referir-me a vinte anos. Bolas, não, sou suficientemente perverso para pensar em quarenta.

– Tens uma mente doentia, Tom Corrigan – concordou Holly. O seu corpo estava a tremer de ansiedade, pelo que ela se contorceu por baixo do dele. Também sabia provocar.

– Quero um plano que nos leve diretamente para a senilidade, nesta casa, rodeados pela nossa família, pelos nossos

filhos, pelos filhos dos nossos filhos, e até talvez pelos filhos dos filhos dos nossos filhos.

Por uma fração de segundo, o corpo de Holly paralisou. Em seguida, ela pestanejou com força para tentar afastar o medo que lhe surgira nos olhos. Forçou um sorriso, na esperança de que Tom não se tivesse apercebido da sua reação, na esperança de conseguir ressuscitar o momento, contudo, o balão da sua paixão tinha verdadeiramente estourado.

– O que foi? – perguntou Tom com um olhar inquisitivo que trespassou o coração de Holly. – A ideia de ter filhos aterroriza-te assim tanto?

– Não – mentiu Holly.

– Aterroriza, sim – insistiu Tom. Ele inclinou o corpo para o lado direito dela, descansando os braços. O momento passional tinha indiscutivelmente passado.

– Eu quero ter filhos – insistiu Holly. – É a parte de ser mãe que me mete medo.

– Tu queres dar-me filhos. É diferente de seres tu a querê-los – corrigiu Tom num timbre que era um misto de preocupação e frustração. – E podes e vais ser uma boa mãe. Não é algo hereditário, sabes.

Era óbvio que Tom se referia à infância dela. Holly era o resultado de um lar desfeito muito antes do amargo divórcio que se seguira. A mãe saíra de casa quando Holly tinha apenas oito anos, contudo, em vez de se sentir abandonada, ela sentira na verdade alívio. A mãe tivera uma atitude perversa para com a maternidade, substituindo o amor por crueldade, o afeto por desprezo. Depois do divórcio, Holly raramente a via e, quando atingiu a adolescência, ela já morrera prematuramente devido ao álcool. Ao contrário, o pai era distante e não se interessava minimamente pela filha, o que, de certa forma, o tornava igualmente cruel. Deixou Holly à sua sorte e, quando ela se mudou para uma residência de estudantes aos dezoito anos, nunca mais voltou a casa, nem sequer para o funeral dele.

– Eu sei que não é hereditário, mas aprendemos com os exemplos. Não fazes ideia da sorte que tens com a tua família. A tua é tão, tão... – Holly não conseguia encontrar as palavras. Tom conhecia a história da infância dela, porém, nunca conseguiria compreender realmente como era crescer sem a segurança de uma família afetuosa. – É tão linear – acabou por dizer.

– Linear? – riu Tom. – O que quer isso dizer?

– Tens uma mãe e um pai que te adoram e apoiam e eles tinham pais que os adoravam e apoiavam. Os teus avós provavelmente também tinham pais maravilhosos e assim por diante, de geração em geração.

Os pais de Tom eram fantásticos aos olhos de Holly e ela sentia-se por vezes admirada com a forma como a tinham aceitado na família e a amavam como se fosse uma deles. Fazer parte de uma família nuclear clássica fora uma mudança abrupta e bastante emocional para Holly. Quando, pouco antes, a avó de Tom, Edith, morrera, Holly testemunhara em primeira mão como os familiares encontraram força uns nos outros, como o seu amor por Edith fora, de certa forma, uma ponte para o vazio que a morte deixara nas vidas deles.

– Não somos perfeitos – respondeu Tom. – Temos uma ovelha negra na família.

– Oh, são, sim. Comparando com a minha família, são. – Holly tocou gentilmente na parte lateral do rosto de Tom. – E se for eu o elo fraco que quebrará a corrente da tua família? E se eu não conseguir aprender a ser o tipo de mãe em que a tua família se apoiou ao longo das gerações?

– Não te atrevas a pensar que és fraca. Sim, os teus pais eram fracos e isso afetou-te, mas provocou o efeito oposto. És a pessoa mais forte que conheço. Os teus pais foram terríveis a educar-te, mas isso só significa que vais fazer tudo para seres a melhor mãe que conseguires. Tens de acreditar nisso.

O corpo de Tom ficou tenso e ela conseguiu sentir a raiva a crescer dentro dele. Uma raiva que ela sabia ser direcionada

aos seus pais e a ele próprio por não ser capaz de curá-la e de afastar os demónios do passado.

– Sei que tenho de acreditar em mim – admitiu Holly, embora não pensasse que tal fosse possível, no entanto, Tom não descansaria enquanto ela não encontrasse maneira de delinear o seu plano seguinte. Não que ele precisasse de um plano. Tom era um espírito livre e preferia fazer as coisas naturalmente, porém, já tinha trinta e dois anos e estava desesperado por ser pai ou, pelo menos, por ter a certeza de que o seria um dia.

Holly começou a ficar com os olhos cheios de lágrimas e a luz do Sol que rodeava a cabeça de Tom parecia uma auréola desfocada. A única coisa que Holly conseguia ver com clareza era os olhos de um verde suave de Tom.

– Então, estás a chorar – disse Tom, parecendo chocado. Holly pestanejou, querendo que as lágrimas desaparecessem.

– Não estou – mentiu ela.

– Ah, esqueci-me, tu nunca choras.

– Choro. Agora não estou a chorar, mas eu choro.

– Quando?

Holly fez uma pausa, tentando encontrar um exemplo recente para provar a Tom que ele estava errado.

– Naquele filme em que o cão morreu.

Tom franziu o sobrolho ao tentar lembrar-se. Depois, suprimiu uma gargalhada.

– Isso deve ter sido há pelo menos dois anos, acho que nem sequer éramos casados.

– Mas chorei, dei-te uma prova.

– *Okay*, prova dada – admitiu Tom. – Mas não te quero forçar a fazer nada que não queiras. Tive esperança de que quando a Lisa teve o bebé, e depois a Penny teve o dela, tu também haverias de querer ter um, mas já percebi que não será assim tão simples. Se ainda não estás preparada para começar a falar de bebés, eu entendo.